Manuel Monteiro

S. Pedro de Rates

Com uma introducção
ácerca da Architectura romanica em Portugal

(1 planta e 15 illustrações no texto)

PORTO — 1908

S. Pedro de Rates

Composto e impresso nas officinas
da Imprensa Portugueza
Anselmo de Moraes, Successores
Rua Formosa, 112 | PORTO

Manuel Monteiro

S. Pedro de Rates

Com uma introducção
ácerca da Architectura romanica em Portugal

(1 planta e 15 illustrações no texto)

PORTO — 1908

Convidado pelo Sr. Rocha Peixoto a escrever uma noticia sobre a igreja romanica de S. Pedro de Rates, sita no concelho da Povoa de Varzim, escusei-me a tão honrosa missão allegando a minha incompetencia.

Não acceitou, porém, a escusa, o illustre homem de sciencia e notavel escriptor, pelo que necessario foi obedecer ao amabilissimo convite.

Todavia, como dos monumentos do paiz sejam os romanicos os menos conhecidos, julguei indispensavel preceder a desejada noticia d'um ligeiro relato sobre a Architectura romanica em Portugal, aproveitando d'est'arte o ensejo de offerecer, aos interessados e estudiosos, varios informes d'algumas dezenas de edificios d'essa interessantissima architectura que me são familiares e em grande parte ineditos.

Que se considere como breve e humilde contribuição dos meus verdes annos para o estudo futuro e definitivo da nossa arte romanica, e que para tal sirva de proveito e subsidio, assim ficará bem compensado o meu trabalho e satisfeita a minha aspiração.

O auctor.

I

A Architectura romanica em Portugal

Não ha um inventario, que se saiba, dos monumentos nacionaes em Portugal, d'onde a impossibilidade manifesta em averiguar qual o espolio artistico sobrevivente do passado e muito menos estudar, em tão pequeno meio e por completo, os varios cyclos d'arte que n'elle se representaram.

Este facto, duramente amargo de confessar, tanto mais quanto é certo que os monumentos constituem o mais legitimo orgulho d'um paiz pois que n'elles se condensa e revive quasi toda a sua historia e a mais palpitante documentação das faculdades da raça, é, na realidade, verdadeiro e mais penalisa e mais dóe quando respeita aos padrões da architectura romanica; em nenhuma outra parte haverá monumentos mais dignos e merecedores da carinhosa e enternecida estima d'um povo do que esses, não porque sejam productos magnificos do estylo assim qualificado que marca uma phase de vivificadora revolução e assignalavel triumpho na marcha evolutiva da arte, mas porque constituem os testemunhos coevos, solemnes e sympathicos do desabrochar da nossa nacionalidade.

Mas, confissão mais cruel! em parte alguma foram tão maltratados e mereceram tão pouco respeito e acato como em Portugal, pela falta de educação civica, pela lamentavel e inveterada ignorancia reinante e, sobretudo, pela carencia do perfeito sentimento artistico, jámais viçosa e plenamente desenvolvido entre nós por virtude de innumeras vicissitudes de caracter

ethnico e politico. Em todos, infelizmente, se lobriga mais ou menos a garra vandalica na crua e repugnante exhibição do remendo, do accrescimo, do córte ou do restauro ignobil, e, venerandas victimas! ahi jazem, n'este seculo de patrocinio e sollicitude, sem amparo decisivo que lhes assegure o futuro e amoravelmente as defenda e proteja de novos ultrages na sua resignada e carcomida decrepitude. De nada vale o inequivoco e limpido ensinamento que diffundem sobre os tempos d'outr'ora na sua suggestiva e quasi poetica humildade, porquanto a lassitude, a indifferença e a rebeldia inesthetica não teem olhos para ver nem coração para sentir.

Quantos desappareceram já brutalmente sacrificados á vesania innovadora! E sobre as andrajosas e amputadas sobrevivencias pesa o mesmo negrume fatidico do anniquilamento, pois estão á mercê do desatino e do senso incriterioso que tantas sevicias derramaram...

O romanico portuguez, porém, a não ser em algumas cathedraes e mosteiros, nunca attingiu uma alta expressão architectural. Foi modesto, singelo e timido, manifestando-se em pequenas e faceis edificações que não exigiam grandes recursos materiaes, nem demandavam engenhos esclarecidos e adestrados nas subtilezas da arte de construir [1]. Mas, cumpre dizel-o, nem outro caracter podia ter n'este remoto extremo occidental da peninsula para se não desviar da regra geral de apoucamento, mesquinhez e mingoa que, desde as epochas ex-historicas, inflexivelmente se patenteia. Com effeito nada mais simples e mais sobrio do que esses templos, na sua maioria acanhados, sumidos e solitarios, os quaes, de imprevisto, a retina descobre entre as velhas travessas das povoações, no verde riso dos valles, no recosto scenico das collinas ou em occultas rugas de montanhas, resistindo a todas as injurias do tempo, na sua pequenez e na sua estructura ingenua sobre que borbulha e afflora um breve episodio ornamental ou decorativo e, por vezes, um trecho d'imaginaria religiosa barbaramente modelado.

---

(1) A technica, porém, é perfeita em algumas como Nossa Senhora da Ourada, Villarinho de Cambas, Ferreira, etc.

A penuria architectonica, porém, não condiz em certos com a plastica accessoria, que é exuberante e copiosa, como succede nos porticos de Bravães (Ponte da Barca), Paderne (Melgaço), S. Christovão de Rio Mau (Villa do Conde), Lavandeira (Carrazeda d'Anciães), etc., apesar da ingrata e indocil rigeza do granito, pois é sabido e corrente que a materia prima constitue o factor basilarmente condicional da maior ou menor intervenção do esculptor. A este respeito já, entre outros, os srs. Henry Havard [1] e André Michel [2] o constataram em França; e em Portugal o mesmo poderia fazer-se, não obstante os exemplos alludidos e a escassez dos elementos que escaparam ao vandalismo dos homens e ás incoerciveis affrontas dos seculos; bastava recordar a região do calcareo [3].

Ao contrario das insistentes affirmativas levianamente vulgarisadas entre nós e procedentes, por um lado, da geral tendencia peninsular em remover para epochas nebulosas as origens de todos os monumentos medievos e, pelo outro, em acceitar com facilidade, e sem reparo e destrinça, como verdadeiros e fidedignos, os relatos das chronicas monasticas infestadas de phantasmagorias, ou as narrativas de certos documentos não exemptos de suspeita, as mais vetustas construcções romanicas do paiz não vão além do seculo XII, assim como na Hespanha não ultrapassam o seculo XI, embora se atteste mais remota data a varias igrejas do norte asturiano [4].

A averiguação de tal principio, pelo que nos diz respeito, resulta de seguras illações rigorosa e logicamente deduzidas.

A instabilidade social que agitou e convulsionou a peninsula hispanica durante o longo e tormentoso periodo da reconquista, com o seu cortejo de luctas permanentes e assolações horrorosas

---

[1] HENRY HAVARD, *Histoire et philosophie des styles*, vol. II, pag. 245. Charles Schmid edit. Paris, 1899.

[2] ANDRÉ MICHEL, *La sculpture romane* in *Histoire de l'art*, tom. I, 2e partie, pags. 635 e 645. Armand Colin edit. Paris, 1905.

[3] Lembram-se apenas a Sé Velha e S. Thiago em Coimbra e a igreja dos Templarios em Thomar.

[4] INNOCENCIO REDONDO, *Iglesias primitivas de Asturias*. Angel A. Morán edit. Oviedo, 1904.

feitas, menos pelo odio politico e cubiça de dominio que pela invencivel divergencia de crenças, não permitte nem legitíma a presumpção do desabrochar fecundo e opulento d'uma tão systematica, intensa e radicada vitalidade artistica como a que o estylo romanico accusa. A architectura, nas palavras de Corroyer [1], é a arte da paz por excellencia. Ora, no asselvajado e bravío recanto do solo iberico que mais tarde veio a ser Portugal, a tranquillidade propicia para a realisação de tal acontecimento só começou de estabelecer-se no declinar da existencia do conde D. Henrique e, sobretudo, no immediato reinado de seu filho Affonso Henriques, o primeiro monarcha. Por igual succedera em França [2] e na Hespanha tambem, depois da obra unificadora de Affonso VI de Leão.

Mas, que assim foi, confirma-o com largueza o exame dos monumentos, os quaes, como paginas vivas, não desmentem os inilludiveis e authenticos factos historicos.

Percorrido com lentidão e minucia o nosso paiz observa-se e verifica-se, na verdade, que as edificações romanicas abundam no Norte, cedo reconquistado, vão rareando para o centro, onde surgem espaçadamente, e desapparecem para além do Tejo, zona mais tarde arrancada aos sarracenos e submettida ao jugo christão, onde apenas se divisam raros exemplares de uma phase avançada de transição, como o portico de S. Pedro, em Elvas, a cathedral de Evora, etc.

Este facto é por si eloquentemente significativo e proclama, com irrefragavel evidencia, que a trajectoria do romanico se deu de norte para sul [3]. Nenhum argumento contradictorio se offerece.

D'esta maneira, á medida que se dilatava e assegurava o dominio para além dos escassos limites do incipiente condado portucalense, a fé levantava igrejas — balisas inconfundiveis do

---

[1] Ed. Corroyer, *L'architecture romane (Bibliothèque de l'enseignement des beaux-arts)*, pag. 16. Quantin edit. Paris, 1900.

[2] André Michel, *Histoire de l'art*, tom. I, 2.ª partie, pags. 942-3. Armand Colin edit. Paris, 1905.

[3] O mesmo succedeu na Hespanha. A igreja de Santa Eulalia em Merida é, por exemplo, um dos ultimos reflexos da arte romanica.

avanço crescente e da expansão progressiva do territorio conquistado, em cujo decurso de tempo evolveram e se transformaram as formulas da arte.

Isto não importa, porém, a conclusão de que a nossa architectura romanica se gestou e originariamente irrompeu no norte do paiz. Seria não só pueril mas absurdo imaginal-o onde não havia radicadas e vigorosas tradições artisticas que fossem acceites e definidas pelo assentimento geral, e onde a mentalidade collectiva não dispunha de uma rasoavel cultura, condições imprescindiveis no germinar e efflorescer de tão nobre e serena esthetica, affirmando-se como o producto esplendido e mesmo subtil, mas reflectido e consciente, de uma difficil e complexa evolução.

Outro foi o seu berço. Planta exotica, no emtanto, com facilidade se adaptou no inculto e maninho terreno lusitano por, naturalmente, encontrar identica seiva e analogos meios de vida, ou, melhor, por ser alimentada pelas mesmas forças fecundantes.

Do sul da França oriunda, transpoz a barreira divisoria das montanhas pyrenaicas, irradiou pelos velhos reinos historicos de Hespanha, especialmente os de Leão e Castella, e veiu reproduzir-se n'um trecho da faxa occidental do continente, isto é, na embryonaria nacionalidade portugueza. Já os mais eruditos e principaes criticos de arte [1] assignalaram este facto que o parallelismo e rigoroso confronto dos monumentos confirmam de um modo preciso e triumphante.

Para os mais versados sobre o periodo medievico da nossa historia, embora indifferentes a este genero de estudos, não são decerto desconhecidos os factores que determinaram esse movimento de transplantação e o conduziram até Portugal.

«Desde a segunda metade do seculo XI affluíram a Castella

---

[1] GEORGE STREET, *Some account of the architecture gothic in Spain*, Londres, 1861. — A. AUGUSTO GONÇALVES, *A arte portugueza*, anno I, n.º 6, Lisboa, 1896; O MESMO, *Gazeta Illustrada*, n.º 15, Coimbra, 1901; O MESMO, *A Arte e a Natureza em Portugal*, n.º 9, Porto. — CAMILLE ENLART, *L'architecture romane* in *Histoire de l'art*, tom. I, 2.e partie, pag. 558 e segs., Armand Colin edit. Paris, 1905. — ANDRÉ MICHEL, *La sculpture romane*, na mesma publicação, pag. 684.

muitos estrangeiros, sobretudo francezes, que vieram occupar dignidades preeminentes, tanto na ordem civil, como na ecclesiastica » [1].

O conde D. Henrique e seu irmão Raymundo são os mais apropositados e typicos exemplos. Todavia, cingindo o argumento ao paiz, o alludido e citado asserto historico depressa recebe uma plena confirmação, lembrando-se que os arcebispos de Braga, S. Geraldo e seu successor Mauricio [2], bem como o companheiro d'elles e bispo de Coimbra Bernardo [3] e os prelados do Porto D. Hugo e D. João Peculiar [4] foram todos de origem franceza.

Mas nem só estas e outras individualidades de alta categoria e famoso prestigio abriram e fixaram a vereda, visto que se deram verdadeiras immigrações de população franca, cujos nucleos fundaram colonias entre nós [5].

As ordens militares, empenhadas no exterminio dos infieis, tomaram tambem o caminho da Peninsula, e em Portugal encontraram um excellente campo d'acção prestando relevantes serviços á causa dos conquistadores que as recompensaram, á farta, com largos senhoríos e riquezas — rasão decisiva e convincente para as resolver a collarem-se — ficando perduravel e certa a memoria de muitos dos seus habitats e das obras que no duodecimo seculo effectuaram [6].

Expedições de crusados arribaram tambem ás nossas para-

---

[1] H. da Gama Barros, *Historia da administração publica em Portugal*, vol. i, pag. 60. Lisboa, Imp. Nacional. — Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, tom. iii, pag. 214. Lisboa, m.d.ccc.xlix.

[2] Gama Barros, ob. cit., pag. 60.

[3] P.e Diogo do Rosario, *Flos Sanctorum*, tom. ii, pag. 882. Lisboa, 1741. — D. Rodrigo da Cunha, *Historia ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*. Segunda parte. Cap. i, pag. 3 e cap. viii, pag. 29. Braga. Anno de 1635.

[4] D. Rodrigo da Cunha, *Catalogo dos Bispos do Porto*, parte 2.ª, pags. 1 e 14. 1623.

[5] Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, vol. iii, pag. 215. — J. P. d'Oliveira Martins, *Historia da civilisação iberica*, pag. 133. Antonio Maria Pereira edit. Lisboa, 1897.

[6] Gama Barros, ob. cit., in capitulo intitulado *As ordens militares*, vol. i.

gens, trazidas pelo capricho do destino, e por aqui se disseminaram e quedaram, trocando a incerteza do oriente pela opportuna e appetecivel commodidade que se lhes offerecia n'esta inesperada Terra Santa.

É conhecido, emfim, o extraordinario influxo civilisador que promanava de Cluny, cuja ordem entre nós, sómente na exigua provincia d'Entre Douro e Minho, contou a bonita somma de cento e onze mosteiros [1] entre os quaes se inclue e comprehende uma grande parte dos monumentos romanicos existentes. O sr. Camille Enlart declara mesmo que a influencia da ordem de Cluny foi maior na Hespanha que em nenhum outro paiz [2]. Registre-se de passagem, por ultimo, que os arcebispos bracharenses S. Geraldo e Mauricio e o bispo conimbricense Bernardo tinham vindo juntamente de França e eram todos monges benedictinos professos na illustre abbadía de S. Pedro de Moissac, no condado de Tolosa, a qual ficou unida á de Cluny em 1047 pela reforma de Santo Odillon, o grande abbade cluniacense [3].

Taes deveriam ter sido os vehiculos por onde se infiltrou e derivou de França até este reino a arte romanica.

Por outro lado, grandes monumentos que alli exerceram uma incontestavel preponderancia na elaboração e diffusão d'esta, comprovam, com victoriosa galhardia, como n'elles reside a genése inspiradora, não só dos nossos mas tambem dos hespanhoes que formam o fecundo traço d'união entre uns e outros. Os caracteres ostentados por todos amplamente demonstram não as affinidades mas o estreito parentesco que os liga e prende.

Superfluo será recordar a este respeito as principaes igrejas romanicas do norte de Hespanha que mais em contacto esteve comnosco. A basilica de Compostella, Santo Isidoro de Leão,

---

[1] Lino d'Assumpção, *Historias de frades*, pag. 85. Antonio Maria Pereira edit. Lisboa, 1900.

[2] Camille Enlart, ob. cit., pag. 558.

[3] Fernand Potter, *Abbaye de St. Pierre à Moissac* in *Album des monuments et de l'art ancien du Midi de la France*, pag. 50. Toulouse, 1897.— P.e A. Carvalho da Costa, *Corografia portugueza*, tom. II, pag. 6. Braga, 2.a ed., 1868.— P.e Diogo do Rosario, ob. cit.— P.e João Croiset, *Anno christão*, tom. IV.

ambas dos seculos XI-XII [1], bem como a cathedral de Mondonedo [2], as Sés de Lugo, 2.ª metade do seculo XII [3], e de Tuy, dos seculos XII-XIII [4], são bem edificantes. Estas ultimas encontram a sua inequivoca ascendencia inspirativa na primeira, que parece não ter sido alheia tambem, sob varios pontos de vista, á Sé de Orense, da 1.ª metade do seculo XIII [5]. O magestoso templo compostellano, erguido calorosamente á glorificação do victorioso e bemdito apostolo, por sua vez é um brilhante e consideravel producto da mesma escola que levantou S. Sernin de Tolosa, com a qual se irmana quasi em absoluto [6].

A igreja de Santo Isidoro de Leão accusa a mesma origem ainda que o seu plano seja muito, oh! muito mais simples; mas, dentro do seu reduzido programma, a organisação estructural é a mesma e o arranjo de certos pormenores e a similitude indiscutivel dos motivos ornamentaes saltam de repente aos olhos habituados a cotejar os dois monumentos [7].

Ora S. Thiago de Compostella tem uma repercussão flagrante, polida e mimosa na Sé Velha de Coimbra. A fabrica d'esta não tem a complexidade e latitude d'aquella, mas o seu delineamento organico foi suggerido inquestionavelmente pela cathe-

---

[1] CAMILLE ENLART, ob. cit., pag. 564.

[2] J. VILLA-AMIL Y CASTRO, *Iglesias gallegas*, pag. 39. Madrid, 1904.

[3] CAMILLE ENLART, ob. cit., pag. 565. — J. VILLA-AMIL Y CASTRO, ob. cit., pag. 69, diz que a construcção da cathedral de Lugo principiou em 1129. No emtanto deve concluir-se que foi muito lenta, pois os prenuncios ogivaes são abundantes, devendo ser exacta a data attribuída por Camille Enlart.

[4] J. VILLA-AMIL Y CASTRO, ob. cit., pag. 69.

[5] J. VILLA-AMIL Y CASTRO, ob. cit., pag. 70. Este auctor fixa-a entre 1218 e 1248, durante o episcopado de D. Lourenço.

[6] Faltam a S. Thiago as duplices collateraes. S. Sernin, todavia, carece, na sua composição, dos arcos de reforço nas arcadas longitudinaes e divisorias das naves. De resto a semelhança é flagrante, a principiar no portico principal de S. Sernin e a Porta de las Platerias aberta na face meridional do transepto de S. Thiago.

[7] Parecem devidos ao mesmo cinzel os capiteis do Pantheon de Santo Isidoro e os do deambulatorio de S. Sernin, assim como, respectivamente, o portico principal d'aquelle e a porta lateral d'este, de Miégeville, aberta a Sul sobre a Rue du Taur.

dral gallega. São iguaes e por identica fórma dispostos os elementos integrantes d'uma e d'outra; e se da estructura e constituição se levar o exame ao revestimento plastico não será difficil descobrir a homogeneidade ornamental que as liga [1].

Este facto é de importancia fundamental, não só porque dos edificios romanicos portuguezes é o mais bello e o mais completo [2], mas tambem porque formúla o esclarecimento preciso e fidedigno quanto á irradiação e predominio das influencias francezas. Estas, por dados e conjecturas a que é talvez licito dar o caracter de axiomas, deviam ter-se exercido mais precoce e directamente sobre construcções como as Sés de Braga, Porto e Lamego, que por seu turno actuaram, sem duvida alguma, no ambito jurisdicional sobre que superintendiam. Os vandalismos de que foram alvo, embora deturpassem e desnaturassem a sua physionomia externa, pouparam mais ou menos a sua conformação e deixam aperceber a sua constituição intima que se cingem ao schema generico procedente d'além Pyreneus e vulgarisado na Hespanha.

Mas o parentesco, logicamente deduzido e consignado, mais frisante se torna pela zona fronteiriça de norte em que se constata o reflexo e preponderancia do romanico d'além Minho, e pertencente á provincia de Orense, nas nossas igrejas limitrophes de Ourada (seculo XIII), Paderne (seculos XII-XIII), matriz de Melgaço e portico da matriz de Monsão (seculo XII); mais do que o reflexo e a preponderancia fizeram-se cá reproducções exactas e fidelissimas, como succede nos capiteis do mosteiro de S. Fins de Friestas (Valença) e na absyde de S. João de Longos Valles (Monsão), em que se repetem, na mesma factura, os mesmos motivos patentes nos da Sé de Tuy.

D'esta sorte parece ficar bem definida a trajectoria seguida pelo romanico na direcção de Portugal. Outros indicios, no emtanto, subsidiariamente a confirmam.

---

[1] Faça-se a comparação, principalmente, entre o portico e sobrepujante janella da frontaria da Sé Velha e a Porta de las Platerias de S. Thiago.

[2] Padeceu tambem atrocidades pavorosas. A restauração consciencíosa e modelar, porem, reconduziu-a tanto quanto possivel á pureza antiga e ficará assignalando, com extranho relevo, os creditos do emerito artista restaurador.

A mechanica architectonica do romanico portuguez, porém, salvo nas Sés de Coimbra, Lisboa e Evora, não é complexa e preciosa. O arcabouço das construcções d'este estylo, ainda nos de fabrica mais vasta, como as cathedraes, já mencionadas, de Braga, Porto e Lamego, não se levantou sob a applicação dos difficeis principios da estatica demandando, inevitavelmente, engenho e proficiencia que talvez não possuissem os architectos, inexperientes ou apoucados, além d'um certo numero de recursos financeiros e delongas incompativeis com a urgencia do estabelecimento e propagação do culto, com as precarias condições economicas, ou com o modesto desejo das colmeias monasticas e dos restrictos povoados nascentes que emergiam nas clareiras pouco e pouco abertas na selva densa do paiz. São, por isso, edificações que se subordinam a um facil plano conceptivo. Simples paredes de cantaria, agora envelhecida e apergaminhada, interrompidas aqui e além, bordadas superiormente pelas filas de modilhões a sustentar o resalto da cornija, e formando, em projecção, dois rectangulos justapostos ou a alliança geometrica d'um rectangulo e um semicirculo. Por agasalho e cobertura, pobres telhados, e, quando muito, sobre a absyde, a breve abobada em berço, como em S. Christovão de Rio Mau (Villa do Conde), ou em quarto d'esphera, associada frequentemente a um tramo em pleno cintro, como Paço de Sousa, Cette (Paredes), Aguas Santas (Porto), Ferreira (Paços de Ferreira), Roriz (Santo Thyrso), Rates (Povoa de Varzim), Pombeiro (Felgueiras), Font'Arcada (Povoa de Lanhoso), Friestas, Longos Valles, etc.

Mas ao consideral-as na sua traça elementar, quanta sympathia inspiram! Produzem até uma viva e cordealissima emoção pelo ardor e sacrificio que muitas significam, pela forte solidariedade que outras representam, pela alevantada fé n'um sonhado ideal que todas manifestam.

Para merecerem a carinhosa e affavel estima dos espiritos cultos basta terem, varias d'ellas, realisado na tenebrosa Idade Média, assente n'uma tyrannia hierarchica e n'uma inexoravel distincção de classes, o prodigio de as congregar para mutuamente cooperarem na mesma aspiração.

Todos concorriam então com a sua valía, desde o mais alto suzerano, ou rico-homem ou donatario ao mais humillimo servo,

para o levantamento d'esses templos como votiva consagração de um santo, ou como preito de agradecida homenagem á divindade omnipotente de quem tudo dependia e que coroava de louros a lança e tornava fecunda a charrua.

De resto, como recintos sagrados, eram asylos protectores, refugios amoraveis, igualitarios, para todas as almas onde as banhava a christã consolação para as amargas torturas da terra e a suave e risonha esperança da ventura ineffavel do ceu!

Sequentemente, como para adorar deus ou venerar um santo, bastavam ao lusitano medieval, com minguados haveres, sem espirito de grandeza e sem exigencias artisticas, os mais economicos e estrictos edificios, é d'estes que se compõe, na sua maioria, o nosso espolio de architectura romanica, não intacto e puro, mas escalavrado e reduzido [1].

A começar pelos de mais clara simplicidade no traçado, compõem-se de uma unica nave com a absyde rectangular: Nossa Senhora da Ourada [2] (Melgaço), Santa Maria (Valença), Rubiães (Coura), S. Claudio (Vianna do Castello), Santa Marinha de Arcozello [3], Santo Abdou e S. Thomé da Correlhã [4], S. João da Ribeira (Ponte do Lima), Bravães, S. Martinho de Castro, Santa Maria de Ermello (Ponte da Barca), Coucieiro [5] (Villa Verde), Santa Maria de Vade (Barcellos), Verim (Povoa de Lanhoso), Gualtar [6], Santa Eulalia, Lomar [7], Figueiredo [8] (Braga), S. Salvador

---

[1] Justo é ter presente que o maior numero d'estas igrejas se deve á iniciativa monastica, d'um largo alcance colonisador pelo rapido e multiplice desdobramento dos conventos.

[2] Assim devia ter a mesma planta a matriz de Melgaço, mas a absyde foi-se.

[3] Magrissimos restos se salvaram das reedificações.

[4] O seu portico foi vandalisado por uma obra grotesca. A nave é relativamente vasta.

[5] Soffreu uma restauração ignobil e disparatada.

[6] Apenas sobrevive a fachada norte com a portinha, cujo tympano foi empastado no centro com cimento, e a porta do sul.

[7] Toda remexida.

[8] De authentico apenas ficaram os modilhões.

do Souto [1], S. Miguel do Castello [2], S. Torquato [3], S. Martinho de Candoso [4], Santo Adrião de Vizella [5] (Guimarães), S. Vicente [6] (Felgueiras), Aruoso [7], S. Thiago d'Anta [8], Landim [9] (Famalicão), Nossa Senhora de Negrellos [10] (Santo Thyrso), Amorim [11] (Povoa de Varzim), Paradella [12] (Barcellos), S. Christovão de Rio Mau (Villa do Conde), Cedofeita (Porto), Boelhe, Gandra, Meinedo (Penafiel), Santa Maria de Cárquere [13], S. Martinho de Mouros [14], Barrô (Rezende), Almacave (Lamego), Trindade (Pinhel), Freixo de Numão (Fozcôa), Lavandeira (Carrazeda d'Anciães), S. Romão d'Arões (Fafe)... [15].

Outras, embora possuam uma só nave, teem a absyde semicircular e com abobada em quarto de esphera, além do tramo

[1] Simplesmente escapou o friso ornamentado da cornija da capella mór, lado septentrional, e a cornija com as arcaturas e alguns modilhões da banda opposta, além de alguns trechos de ornamentação e xadrez no corpo da igreja.

[2] Soffreu uma restauração infeliz, se bem que bellamente intencionada.

[3] Duas construcções unidas. Na principal foi modificada a frontaría e ainda o lado sul.

[4] Foi substituido o antigo frontispicio.

[5] Torpemente restaurada. Para mais destaque a Parochia barrou o frontispicio de argamassa azul.

[6] A absyde foi alterada.

[7] Recente e imperfeitamente restaurada.

[8] Está reparada com fortes esfregações e bem betumada.

[9] Sómente sobrevive a absyde abobadada com as cornijas d'arcaturas mas sem as velhas frestas ou janellas.

[10] Apenas escaparam os modilhões absydaes. Tem a fresta do fundo obstruída.

[11] Salvaram-se da reedificação unicamente os modilhões da absyde e uns restos que a prendem a Rates.

[12] Existem alguns modilhões e capiteis que a relacionam com a antecedente.

[13] Resta da reedificação manuelina a absyde quadrangular onde se esboça já o gothico. Nos annexos, vestigios romanicos.

[14] O mesmo plano devia ter *S. Salvador*, matriz de Rezende, de que apenas remanesce o portico.

[15] O schema de todas estas igrejas é o das dos primeiros seculos da era christã, muito frequente no romanico rustico de França e Hespanha.

de pleno cintro: Longos Valles [1] (Monsão), Font'Arcada (Povoa de Lanhoso), Ferreira (Paços de Ferreira), Cette (Paredes), Roriz (Santo Thyrso), S. Pedro do Castello (Leiria); n'este mesmo grupo se poderá incluir, apesar da sua magnitude, importancia e caracteres excepcionaes, o templo de Alporão [2] (Santarem).

Cada um d'estes generos, porém, póde ser de mais complexo plano, quando ao frontispicio se addita e incorpora um vestibulo ou *narthex*: Cerzedello (Guimarães), Villarinho das Cambas (Famalicão), para o primeiro e S. Fins de Friestas (Valença) para o segundo; ou affectam hybridismos sensacionaes, como Paderne (Melgaço), com uma nave e as tres capellas absydaes [3], Aguas Santas (Porto), com a absyde rectangular e um absydiolo em hemicyclo [4], e, na passagem para uma phase morphologica mais completa e quasi definitiva, ao deante, Athonguia da Baleia (Peniche), com tres naves e uma só capella absydal.

Seguem-se, finalmente, as de tres naves e ainda, n'este agrupamento, cumpre distinguir entre as que não teem transepto, mas com as capellas absydaes rectangulares — Ermello [5] (Baião) ou com ellas em semicylindro como Castro d'Avellãs [6] (Bragança), Travanca (Amarante), Ganfey (Valença), S. Salvador e S. Thiago (Coimbra), e as que o teem, como Pombeiro [7] (Felgueiras), Paço de

---

[1] Ficou a absyde, exclusivamente, na reforma do fim do seculo XVI em que se aproveitou toda a silharia romanica.

[2] Bello edificio, todo abobadado, e pertencente a uma phase de transição. A absyde é preciosa. Está restaurado e serve hoje de installação ao incipiente mas já muito interessante Museu Archeologico de Santarem.

[3] No extranho braço do transepto, que excresce da igreja, abre-se a norte uma porta interessantissima.

[4] N'uma barbara restauração addicionaram-lhe, ha annos, um absydiolo quadrangular do lado da Epistola!

[5] Votada a uma incuria descaroavel e convertida em adega.

[6] Da edificação primitiva erguem-se ainda a absyde, a cuja largura se circumscreve a actual igreja e o absydiolo do norte que serve de sachristia; o do sul está em ruinas e apenas se alça uma parte das paredes e da abobada. Não só pelo emprego do tijolo, mas ainda pelas series d'arcadas cegas e lisas que a toda a altura envolvem a absyde e o absydiolo, deriva esta igreja indiscutivelmente de Santo Thyrso de Sahagun (Hespanha).

[7] A absyde foi destruída.

Sousa, Rates [1] (Povoa de Varzim), conluindo todos os raciocinios a suppôr outr'ora, nas Sés de Braga, Porto e Lamego, o mesmo systema.

Nenhuma das igrejas referidas, salvo Travanca e Alporão, tem a nave ou naves abobadadas; e no emtanto as ultimas elaboraram-se quasi de fórma a comportarem as abobadas, segundo o evidencíam os supportes e outros elementos de consolidação e resistencia tendentes a inutilisar a acção progressiva das forças e a manter o equilibrio constructivo.

Na verdade, em Pombeiro e nas tres cathedraes mencionadas, pelo menos, a despeito de todas as deturpações, ainda se constata interiormente a existencia dos pilares divisorios de secção quadrangular ou crucifera com as meias cannas embebidas nas faces sustentando os arcos duplos, longitudinaes e transversos, das collateraes e da dominante nave central; e, no exterior, por correlativa e intima connexão e obediencia á mesma logica, tambem avultam, n'uma ou n'outra, aprumados, os contrafortes de reforço.

É de presumir, evidentemente, que não houvesse o preconcebido intuito de as fechar, ao alto, com cobertura de madeira: mas forçoso foi, decerto, abandonar ao deante o projecto originario, quer pela incompetencia dos constructores, quer pela carencia de meios, quer por circumstancias imprevistas e não conhecidas, obrigando a acceitar uma solução provisoria que foi afinal a prevalecente.

Á falta dos esclarecimentos documentaes é impossivel descriminar e precisar o factor obstruente; mas como da exposição de meras advertencias se póde alcançar a verdade essencial dos factos, convem elucidar que o emprego e o arranjo dos alludidos membros architecturaes denuncía, nos respectivos artistas, uma educação, ou, pelo menos, uma penetrante inspiração na escola que creou S. Thiago de Compostella e Santo Izidoro de Leão, pois a identidade é, sob este aspecto, absoluta e perfeita. Este considerando, bem como o exame dos referidos templos, sobretudo o bracharense, abonam assaz a capacidade dos seus edifica-

---

[1] Succedeu-lhe o mesmo que á antecedente.

dores. Por outro lado, a carencia de recursos não é muito convincente, porquanto as citadas cathedraes, por exemplo, pertenciam ás dioceses comprehendidas nas zonas sobre que mais cedo se tinha operado a reconquista e eram as mais ricas e prosperas, especialmente a de Braga, que tambem tinha, a este respeito, proeminencia entre as outras [1].

Falta, pois, a incognita que naturalmente o futuro resolverá.

Do exposto se deduz, portanto, que só as cathedraes de Coimbra, Lisboa e Evora, com as galerias dos triphorios alçadas sobre os *bas-cotés* e as tres abobadas parallelas quasi á mesma altura, accrescendo, na lisbonense, o deambulatorio, foram construídas com ostentação, audacia e segundo o mais consummado saber technico attingido então. Se a abobada, na sua essencia e plenitude, contém o caracter mais especifico da architectura romanica [2] e se esta, como diz o sr. Andrè Michel, não se constitue verdadeiramente sob a sua fórma expressiva e como um organismo homogeneo e vivo senão quando se realisa a união d'aquella com o plano basilical [3], os tres edificios alludidos foram quasi os unicos documentos completos que o romanico nos legou. Mas, gestados tardiamente, a sua acção, áparte a Sé Velha, foi quasi nulla porque ao fim da sua feitura a arte começava a submetter-se a novos moldes que não admittiam o regresso aos preceitos antiquados do canon moribundo. Attente-se no emtanto que, segundo um illustre historiador de arte [4], «devia ser grande a predilecção dos constructores pelo estylo romanico», e, com effeito, ficou tão consagrada a factura de certos accessorios architecturaes que não só nos monumentos do periodo intermediario e dissolvente, mas tambem nos gothicos, ella é executada á risca. Como provas capitaes basta citar Fiães (Melgaço), a porta meridional de Leça do Balío, o portico

---

[1] Gama Barros, ob. cit., vol. I, pag. 210.

[2] Ed. Corroyer, ob. cit., pag. 159.

[3] André Michel, ob. cit., pag. 913.

[4] Joaquim de Vasconcellos, *Arte (Archivo d'obras d'arte)*, n.os 10 e 11, pag. 4. Porto, julho de 1901.

do convento de S. Francisco em Santarem e a portada sul do mosteiro da Batalha [1].

Mas, reatando, averiguado que se destruiu e adulterou uma grande parte da architectura romanica portugueza representada agora, em geral, por edificios d'uma inexcedivel simplicidade conceptiva, para cuja realisação technica pouco mais bastava do que os conhecimentos e noções essenciaes do apparelho da cantaría e seu assentamento, e ainda por dispersas e retalhadas sobrevivencias milagrosamente exemptas de vandalismos, só póde fixar-se e classificar-se os grupos que a compõem e revelam influencias differenciaes, não pela approximação (excepto em alguns) de estructura e plano, mas pela sua interdependencia ornamental e decorativa.

Mais seguro e proveitoso rumo, depois de destrinçados os varios schemas, impossivel se afigura.

Se os principaes monumentos que possuímos no estylo romanico, na sua traça e programma, asseguram a these exarada sobre a sua origem franceza, pois não são mais que uma prolongação da arte das escolas do Languedoc e Gasconha com algumas influencias da Borgonha [2], a plasticisação que os adorna magnificamente a comprova. Os themas historiados e os motivos componentes do *décor* que o nosso romanico ostenta, attestam, na verdade, a influencia do estylo francez e, principalmente, da referida escola do Languedoc [3] a que pertence S. Sernin de Tolosa, e, sequentemente, S. Thiago de Compostella, Santo Izidoro de Leão, etc.; e o cunho singular, adquirido nos mananciaes onde com tanta satisfação mergulhou e se abasteceu, tambem com abundancia se expressa em Portugal [4]. Porque, necessario é dizel-o antes de proseguir, a moderna exegése artistica, erudita

---

[1] Joaquim de Vasconcellos, *A arte e a Natureza em Portugal*, n.º 54.

[2] Camille Enlart, ob. cit., pags. 558, 562, 568, 570, etc.

[3] André Michel, ob. cit., *La sculpture romane*, pag. 634. «Foi a Tolosa que a arte do lado da Hespanha e a Franceza do Norte vieram buscar collaboradores e conselhos.»

[4] André Michel, ob. cit., *La sculpture romane*, pag. 614. «No Languedoc a esculptura procedia de dois typos: marfins byzantinos, sarcophagos e restos da antiguidade.»

e racionalmente pôz termo aos desvaríos do symbolismo que interpretava, pelos meios mais imaginosos, toda a figuração que os artistas romanicos deixaram nas suas obras. Por mais aberrante e monstruosa, tinha n'essa escola um sentido apropriado, explicava conceitos, commentava textos pacientemente rebuscados e justificava-se por infinitas subtilezas metaphysicas. E nada obstava aos candidos symbolistas na sua prolixa e fertil contumacia interpretativa, embora rematasse nas mais francas incoherencias e nos mais inconsequentes absurdos. O neo-criticismo, porém, mais solidamente instruído, veio demonstrar que nem toda a iconographia romanica condensava intuitos symbolicos e, excluídas as indiscutiveis scenas hagiographicas, lendarias ou historicas, se resumia na copia das creações immutaveis do mythologismo classico tradicionalmente perpetuado, dos lavores funerarios da primitiva arte christã, e, sobretudo, na desenfreada imitação dos bizarros desenhos e phantasias exhibidas nas miniaturas, nos tecidos, nos cofres de marfim e outros artigos de sumptuaria vindos do Oriente [1] com o qual tão intensas relações teve o Occidente [2]. A arte romanica é complexa e composita [3].

Ora no romanico portuguez deu-se irrefragavelmente o mesmo. Áparte uns breves assumptos em que a intenção religiosa e symbolica é incontestavel, o resto consta da figura humana hybridamente deformada, dos seres mythicos, de animaes reaes ou imaginarios que se enfrentam, enlaçam ou devoram e de ornatos geometricos ou floricos, trahindo as fontes d'onde foram hauridos. Foi o encanto attrahente do lavor complicado e das linhas extravagantes da arte levantina que conduziu os decora-

---

[1] Esta designação generica, para mais facilidade comprehensiva, abrange o arabe, o bysantino, o musulmano e o persa.

[2] J. J. Marquet de Vasselot, *Les influences orientales dans l'art roman* in *Histoire de l'art*, tom. I, 2.e partie, pag. 891 e segs. Armand Colin edit. Paris, 1905.

[3] Emile Male, *L'art religieux du XIIIe siècle en France*, pag. 64 e segs. Armand Colin edit. 1902 — Salomon Reinach, *Apollo*, pag. 119. Hachette edit. Paris, 1904. — L. Roger Milès, *Le Moyen Age*, pag. 14. Rouan & Cie. edits. Paris. — André Michel, ob. cit., pags. 595 e 620. — Camille Enlart, *Manuel* cit., tom. I, pag. 437 e segs.

dores ornamentistas do seculo XII ao insistente emprego d'essa illustração fabulosa e allucinada que tão bem se adaptava e servia aos seus exclusivos intuitos ornamentaes.

Não obstante, em Portugal a plastica proporciona-se á pobreza architectonica; e é nos grandes edificios gestados pela cultura estrangeira que se deve buscar o foco inspirador de todo o romanico, pois os assumptos que n'alguns d'elles se encontram abundantemente se repetem.

Mas, achando-se delimitada a esphera de acção da Sé Velha [1], e transformadas todas as outras construcções de vulto, poucos elementos ficam para um juízo seguro — a não ser os que se salvaram das indefinidas sevicias na Sé de Braga. Felizmente esta cathedral, que pela sua antiguidade, situação e importancia devia ter exercido um predominio capital sobre a provincia de Entre Douro e Minho, ainda o confirma pelos seus vestigios esculpturaes. Impossivel se torna, é certo, precisar com que latitude se distendeu esse predominio, visto haverem desapparecido algumas archivoltas do portico, todos os capiteis do interior, o timpano e o dintel d'aquelle, sustentados por uma columna geminante [2], e haver-se feito a reconstrucção da frontaría, de parte das fachadas lateraes e da absyde [3] e absydiolos.

Todavia, os modilhões que ainda se enxergam em todo o transepto e nos lados norte e sul, a porta meridional [4] e as sobrevivencias da grande porta principal permittem avaliar da irradiação e influxo do celebre templo bracharense, porque os ornamentos e episodios n'elle esculpidos divisam-se em quasi todas as igrejas da provincia referida, ultrapassando mesmo os seus limites.

Com effeito, n'uma das archivoltas do magestoso portal, cada

---

[1] A. AUGUSTO GONÇALVES, *Gazeta Illustrada*, n.º 15. Coimbra, 1901. — O MESMO, *A Arte e a Natureza em Portugal*, n.º 9. Porto.

[2] JOAQUIM DE VASCONCELLOS, *Historia da Arte em Portugal*, (Estudos publicados sob a direcção de), pag. 14, n.º 2. Porto. Typographia Elzeveriana, MDCCCLXXXIII.

[3] Reconstruída no chamado estylo manuelino por artistas biscaínhos que estiveram em Braga ás ordens de D. Diogo de Sousa.

[4] Tudo leva a crer que não occupa o seu primitivo logar.

uma das aduelas [1] contém duas aves carnivoras [2], ou dois quadrupedes ferozes, dispostos no intradorso e na face, devorando um animal estendido ao longo da aresta. Pois bem. Este motivo, que parece reflectir um desenho oriental [3], lobriga-se em Arnoso, Villar de Frades, Font'Arcada, n'um capitel do antigo mosteiro de Rendufe [4] (Amares), em dois outros existentes no Museu Archeologico da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, em Pombeiro [5], Rates, Rio Mau, Aguas Santas, Travanca, Lavandeira, S. Martinho de Mouros, S. Claudio e Bravães.

Na outra archivolta, onde se diversificam os themas com mero fim decorativo, apparece uma reminiscencia mythologica, a sereia [6], repetida em Rates, Rio Mau, Travanca e Villarinho, tendo quasi tudo o mais uma profunda feição de orientalismo: o elephante [7], as aves [8], uma d'ellas com a cabeça humana [9], o leão [10], tambem patente em Villar de Frades, Santa Maria de Vade, matriz de Melgaço e as duas aves bebendo n'um calice. Este assumpto, diz o notavel critico d'arte francez sr. Camille Enlart [11], deriva da primitiva arte christã, fortemente impre-

---

[1] Systema corrente nas escolas do sudoeste e do Poitou. Esta, sabe-se, fundiu-se com a do Auvergne no Languedoc. V. ANDRÉ MICHEL, ob. cit., pag. 648 e CAMILLE ENLART, ob. cit., pag. 460.

[2] Fazem lembrar certos capiteis de Moissac, Tolosa, Santo Isidoro de Leão e Compostella.

[3] CAMILLE ENLART, *Manuel d'archéologie française*, tom. I, pag. 352.

[4] Encontra-se hoje no Museu Archeologico Martins Sarmento, de Guimarães, e pertenceu á collecção do archeologo Albano Bellino.

[5] Uma das archivoltas do portico é, como em Braga, completamente historiada com este assumpto.

[6] Vê-se na igreja de Santo Isidoro de Leão e no deambulatorio e n'um absydiolo de S. Thiago de Compostella. É um dos motivos predilectos na escola do Auvergne, segundo ANDRÉ MICHEL, ob. cit., pag. 604.

[7] CAMILLE ENLART, *Manuel* cit., pag. 352.—ANDRÉ MICHEL, ob. cit., pag. 650.—J. J. MARQUET DE VASSELOT, ob. cit., pags. 892-893.

[8] CAMILLE ENLART, *Manuel* cit., pag. 350.

[9] J. J. MARQUET DE VASSELOT, ob. cit., pag. 891. Tambem se observa em S. Thiago de Compostella.

[10] EMILE MALE, ob. cit., pag. 67; CAMILLE ENLART, *Manuel* cit., pag. 352.

[11] CAMILLE ENLART, *Manuel* cit., pag. 351.

guada de hellenismo, que havia adoptado motivos orientaes [1]: em França não é raro, apparece em Hespanha, registando-se, para exemplo, um dos capiteis do Pantheon de Santo Isidoro de Leão e, em Portugal, em Rio Mau, Arnoso, Coucieiro, S. Thiago d'Antas, Villarinho, Santa Maria de Vade, Ganfey, havendo uma leve substituição do calice por um fructo de graminea em Font'Arcada, Cedofeita e outras [2]. Em S. Thiago de Compostella, no deambulatorio e n'um dos absydiolos, as duas aves dessedentam-se n'uma vieira — um dos emblemas do apostolo.

Por fim a moldura envolvente em *billettes*, frequentissimas no Languedoc e em quasi todo o romaniço da Galliza, Leão e Castella, e que podem ser d'origem oriental como os *damiers* [3]: aquella ornamentação vê-se em Villar de Frades, Coucieiro, Arnoso, Gualtar, Santa Maria de Vade, Rates, Rio Mau, Paderne, Ourada, Longos-Valles, S. Fins, Rubiães, Bravães, Font'Arcada, Travanca, Lavandeira, etc.; e esta em Rates, Rio Mau, Bravães, Almacave, Barrô, S. Martinho de Mouros, S. Salvador de Souto, Villarinho, Font'Arcada, matriz de Melgaço, Paderne e Rubiães.

O ornato das impostas, quasi semelhando uma ponta de lança, repete-se em Rates, Rio Mau, S. Claudio, Arnoso, Coucieiro, S. Thiago d'Antas, Cerzedello e Travanca; o dos capiteis da direita, formado por espiras duplices com origem commum, vê-se em Lavandeira, Pombeiro, S. Martinho de Candoso, Villar de Frades, Bravães.

Na porta do Sul deparam-se identicos ornamentos. Alguns ha, porém, differentes e com poucos similes no nosso romanico, tal é o da moldura envolvente de que se approxima a do arco da capella-mór de S. Martinho de Candoso; na ultima archivolta

---

[1] Na verdade podem memorar-se exemplos confirmativos como o do sarcophago do arcebispo João em Santo Apollinario in Classe, de Ravenna. V. *Les Villes d'Art célèbres. Ravenne*, pag. 90. Charles Diehl edit.

[2] Houve uma assimilação d'este thema pela symbolica religiosa transformando-se o calice em cruz e poisando as aves sobre os braços debicando na haste. Dois exemplos: o sarcophago no Mausoleu de Galla Placidia em Ravenna e o tympano da igreja romanica de Serantes (Pontevedra), Hespanha.

[3] CAMILLE ENLART, *Manuel* cit., pag. 354.

relevam-se do fundo ornatado, e sobre o toro boleante da aresta, diversas especies de rosaceas, uma das quaes é o conhecido swastika flammejante frequente na arte mycenica, nas nossas estações proto-historicas da Citania de Briteiros e Castro de Sabroso [1] e vulgarissimo nas lapides funerarias da epocha lusitano-romana [2]; não abunda no estylo romanico, mas no entanto corrobora o que ficou dito quanto aos modêlos de que elle se serviu [3]. No paiz encontra-se n'uma das *métopes* [4] da fachada meridional d'Ourada, n'outras da absyde da matriz de Valença e embutido n'um dos arcos da sacristia de Roriz voltados para o pateo e que fazia parte do extincto claustro.

Uma das outras rosaceas reveste integralmente uma arca funeraria do antigo mosteiro de Ancêde [5] (Baião) e surge em Paderne; era peculiar tambem á arte mycenica [6].

No tympano da referida porta da cathedral bracharense recorta-se a Cruz de Malta, o emblema geralmente escolhido nos das outras igrejas: vasada, ou em baixo-relevo esculpida, ostenta-se em Verim, Coucieiro, Arnoso, Santo Adrião de Vizella, S. Vicente, Cerzedello, Font'Arcada, Barrô, Lavandeira, S. Claudio, Santo Abdon e S. Thomé da Correlhã e, associada ao cordeiro paschal [7], em Rates, Rio Mau, Font'Arcada, Bravães, Cedofeita (Porto), Travanca.

Outro ornamento um pouco diffundido são os galões perla-

---

[1] MARTINS SARMENTO, *A arte mycenica no noroeste da Hispanha*, in *Portugalia*, tomo I, pag. 2 e segs. Porto, 1899.

[2] Existem bastantes exemplares nos museus do paiz e bem assim nos de Hespanha.

[3] MARQUET DE VASSELOT, ob. cit., pag. 892, considera-o uma influencia indiana.

[4] Segundo o sr. CAMILLE ENLART, ob. cit., pag. 575, os modilhões separados por *métopes* são proprios da architectura romanica mais rica do Auvergne e Languedoc. Ourada, como Santo Isidoro de Leão, não o desmentem.

[5] Encontra-se actualmente no Museu Municipal do Porto.

[6] PERROT et CHIPIEZ, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, tomo VI, *La Grèce primitive*, passim. Hachette edit., Paris, 1895.

[7] É vulgarissimo na Hespanha e em França este symbolo, que é o do Salvador, segundo AUBER in *Histoire et theorie du symbolisme religieux*.

dos e entrelaçados que se exhibem em Rates, Rio Mau, S. Thiago d'Antas, Gualtar, Verim, Coucieiro, Font'Arcada, S. Salvador do Souto, Rubiães, S. Martinho de Mouros. Os capiteis do portico principal teem uma galba fina e singular; os da porta do Sul pertencem ao typo do Languedoc [1] em que as composições se subpõem e delimitam pelas volutas cujas espiraes convergem para o angulo dos respectivos abacos e constituem no paiz, como na Hespanha occidental, o modelo consagrado.

Se se ampliasse o confronto aos modilhões a mesma conclusão resultava; do summariado relato feito, porém, se infere da provavel influencia que a Sé de Braga devia ter exercido no norte de Portugal.

Mas o cunho oriental com mais particularisação se poderia determinar passando em revista cada um dos outros edificios. A Sé Velha de Coimbra, por exemplo, não seria a que havia de prestar menor contingente de elucidações; os artistas que com tanto esmêro e primor lhe plasticisaram os capiteis, superabundantemente o demonstraram nos historiados onde o sentimento interpretativo sobe ao ponto de, alguns d'elles, impressionarem o espectador attento e culto, como trechos originaes, authenticos, de baixos-relevos assyrios.

Como não seja, porém, tal objectivo possivel n'este esboço, apenas, em remate, se mencionará o tympano da porta septentrional de Ourada, onde entre dois animaes geminados — um quadrupede e uma ave — se ergue uma planta estylisada. É a adaptação de um thema commum, em especial, na arte persa e que no romanico teve grande voga significando, segundo os mais doutos criticos, o *Hom,* a arvore da vida, a arvore sagrada do Iran defendida pelos dois genios [2].

Mas nem tudo procedeu do Levante: algumas intencionalidades agiologicas e symbolicas, além das consignadas a proposito

---

[1] André Michel, ob. cit., pag. 618.

[2] Emile Male, *L'Art religieux du XIIIe siècle en France*, pags. 67-68, Armand Colin edit., Paris. — J. J. Marquet de Vasselot, ob. cit., pag. 891.

da Sé de Braga, se podem reconhecer em certos capiteis e archivoltas de Villar de Frades, Rates, Rio Mau, Font'Arcada.

Quando o estylo se nacionalisou os artistas, apesar do apego ás suggestões anteriores, principiaram a adoptar o naturalismo, como em Ourada e S. Domingos de Villa Real, e a trazer á evidencia da homenagem publica os emblemas heraldicos da nação e das personalidades que, decerto, custearam as respectivas edificações: o escudo das quinas candidamente sustido por dois anjos n'um dos capiteis da absyde de Ermello (Baião), o mesmo aggregado aos lizes no portal da matriz de Barcellos e na visinha Santa Maria de Vade e ainda um brazão constituído sómente pelas flores de liz no portico de Ourada.

A figura humana dos porticos de Lavandeira, Rio Mau, Rates e Bravães é rigidamente esculpida. Denuncía, por vezes, um penetrante sentimento de observação e um ineluctavel desejo de exprimir a realidade nos seus detalhes, mas não tem modulo, o desenho é incorrectissimo e grosseiro, e em toda essa *gaucherie* assoma o timido titubeamento, a tentativa hesitante, o hirto e canhenho embaraço infantil da esculptura no seu tardío e moroso resurgir. As difficuldades, por vezes, foram vencidas na execução, seguindo rigorosamente miniaturas ou desenhos, do que resultou mais rigida a imagem pelo emprego cego dos traços que n'aquelles teriam o mais alto valor expressivo.

O mesmo processo norteou ainda a estatuaria propriamente dita. Esta incorporou-se á architectura nas portas principaes de Bravães [1], Rubiães, no portico da Sé de Evora, etc. [2]; de resto, manifestou-se isoladamente e é nos vultos jacentes das arcas funerarias de Paderne [3], Pombeiro [4], Collegiada de Guimarães [5],

---

[1] As estatuas estão embebidas nas columnas, como em Rubiães, na porta do norte da Sé d'Orense e no portico de Monterrey (Hespanha).

[2] Do apostolado, as esculpturas ainda romanicas, são as duas primeiras de S. Pedro e S. Paulo.

[3] Acham-se agora no Museu Municipal do Porto.

[4] São duas que se abrigam sob o portico.

[5] No claustro.

Cette, Sé Velha, etc., não esquecendo o precioso moimento do claustro de Grijó de D. Rodrigo Sanches (aquelle que, no dizer do epitaphio, *alter fuit Rotulandus)*, que se encontram os nossos principaes documentos, respeitantes quasi todos ao seculo XIII.

São donatarios ou bispos de face por assim dizer impessoal e severa, dormindo um indefinido somno de seculos na immobilidade magestosa da morte, envoltos nas suas armaduras heroicas ou nas suas vestes inflexiveis, dispostas em pregas angulosas, duras, direitas, e empunhando o montante de senhores bellicos de povos, ou o baculo de dogmaticos pastores de rebanhos humanos.

Retrocedendo, impõe-se agora estabelecer os grupos differenciaes dos monumentos romanicos do paiz segundo as suas affinidades. É melindrosa de realisar a classificação, tanto mais que uma grande parte das construcções se sumiu e bastantes ainda jazem immersas no ineditismo de logares sertanejos; por outro lado torna-se difficilimo, ainda á retentiva mais poderosa e ás notulas mais minudentes do investigador, fixar com precisão os caracteres que a distinguem, pela impossibilidade de se effectuar um estudo continuo. O revestimento esculptorico, na sua funcção ornamental e decorativa, e o arranjo de certos accessorios architecturaes, sendo a estructura e o processo constructivo fundamentalmente invariaveis, é que devem constituir o mais seguro elemento de destrinça; aquelle seguiu a mesma rota da architectura a que anda indissoluvelmente ligado e a mesma origem accusa, mas offerece taes nuances que, aos espiritos menos precavidos, deve suggerir a suspeita de fontes variadissimas. Imprescindivel é, porém, ter bem presentes a rusticidade e singeleza de tantos d'esses monumentos e, sequentemente, a incultura e as poucas aptidões do ornamentista ou decorador que reproduziria, com custo e pena, os mais faceis motivos admirados e vistos, ou os desenhos imperfeitos ou modificados que á sua disposição eram postos para seguir e copiar. Mas ainda convém não esquecer as modalidades da assimilação segundo o temperamento e technica do artista, a irreprimivel interferencia da materia prima e as epochas da factura. Quanto ao emprego de certos pormenores, ou sua disposição, tendentes a effeitos esthe-

ticos, dependia naturalmente do edificio tomado por modelo e que traduzia uma predilecção por qualquer variante.

Effectivamente, o que resalta ao organisar os agrupamentos é o immediato e directo predominio do contacto, podendo até adduzir-se o principio, não verdadeiro em toda a sua extensão, de que elles se determinam e dividem, no Entre Douro e Minho, pelas bacias hydrographicas. Por absurdo que pareça, os monumentos erguidos ao longo de cada valle, na planura fertil ou na abrigada vertente panoramica, teem entre si flagrantes similitudes, revelando irrecusavelmente inspirações communs.

Pode explicar-se este facto, na essencia, pela multiplicação das colmeias monasticas [1] desaggregando-se umas das outras afim de melhor servirem a Deus com o alargamento dos seus dominios para onde o torrão fosse rico e fecundo, e ao paiz com a colonisação simultanea.

Começando pelo norte, na margem esquerda do rio Minho, S. João de Longos Valles, S. Fins de Friestas, Ganfey e Rubiães ligam-se indiscutivelmente á Sé de Tuy, assim como o portal da matriz de Monsão, a matriz de Melgaço, Paderne e a já nacionalisada Nossa Senhora da Ourada proclamam o contagio da architectura da provincia de Orense a quem devem tudo pelo que se infere da conformidade de perfis, lavores e amanho.

No valle do Lima o monumento principal e mais ostentoso é Bravães, e a seguir, mas já do periodo de transição, Santa Maria de Ermello; d'aquelle, todavia, no que elle tem de mais sobrio, dimanaram S. Martinho de Castro, S. João da Ribeira, Santo Abdon e S. Thomé da Correlhã, S. Claudio e Santa Marinha d'Arcozello.

Profundas relações prendem este grupo com os edificios romanicos levantados sob a presumivel influencia da cathedral primaz e se espalham pela beira Cavado e á volta de Braga até ao relevo orographico divisorio do Ave: Sé bracharense, Gualtar,

---

[1] André Michel, ob. cit., pag. 596, tambem allude ao importante papel que os monges viajantes desempenharam na propagação do romanico e preferidos repertorios de modelos.

Santa Eulalia, Verim, Concieiro, Rendufe [1], Lomar, Figueiredo, Arnoso, Villar de Frades, Rio Mau, Rates e, como fecho, S. Thiago d'Antas; n'esta serie, mas em adeantada escala chronologica e evolutiva, Santa Maria do Vade, junto a Barcellos, irmanando com o portal da matriz d'esta villa e que podem considerar-se, pela sua contextura e singular guarnecimento plastico, dois typos da nacionalisação.

Além da identidade de lavores, já assignalada, ha a accrescentar que nas portas respectivas, de cintro pleno, as archivoltas geralmente são boleadas por toros, o que é corrente nos grandes edificios de Hespanha e no Languedoc.

Pelas ribas do Ave e do seu confluente Vizella novo agrupamento se derrama, o qual cumpre subdividir, destacando-se pela sua inultrapassavel e uniforme sobriedade: S. Miguel do Castello, S. Torquato, Santo Adrião de Vizella, S. Martinho de Candoso, Cerzedello e Villarinho, sua irmã gemea [2], d'outra corrente luxuriosa e de mais destacantes effeitos decorativos, mantendo entre si uma tal ou qual homogeneidade, que vae até ás terras d'Entre Sousa e Douro, a saber: Boelhe, Gandra e talvez Meinedo, as mais simples, e Paço de Sousa, Cette, Aguas Santas, Ferreira [3], Roriz, Landim, S. Salvador do Souto, S. Vicente, Pombeiro e Font'Arcada, que é um specimen excellente do compromisso entre este nucleo e o que gravita em torno da Sé primacial, pois todos os pormenores esculpturaes d'um e d'outro n'elle se encontram compendiados.

---

[1] De Rendufe apenas existe um capitel; mas pela sua situação, ligações com Tibães e Braga e pela ordem benedictina a que pertencia, devia ter sido gestado pela escola que assentou arraiaes na cidade archiepiscopal. Aqui a assolação do romanico foi esmagadora; apenas escaparam varios capiteis modelados segundo a tradição classica e que, indicando o mesmo veio, podem approximar-se dos de *S. Fructuoso*, no arrabalde citadino, onde se divisam dos vestigios mais archaicos do romanico nacional.

[2] Estas igrejas podiam emparelhar muito bem com as mais singelas do valle do Lima, áparte, é claro, a sua superioridade na technica constructiva.

[3] O seu portico parece uma copia do da cathedral de Zamora.

N'estes templos as columnas são, por vezes, facetadas e revestidas d'ornatos [1]; os lavores, na maioria floricos, em tenue relevo e envolvidos nos entrelaços, o que é d'uma flagrante genese oriental. Por isto constituem uma nitida repercussão da escola franceza do Sudoeste [2]; mas a sua caracteristica fundamental, e que se descobre na escola do Auvergne [3], revelando sobre esta a influencia da escola germanica ou da lombarda; são as cornijas correndo ao longo de pequeninas arcaturas sustidas por modilhões simples ou historiados. Não é de mais accentuar novamente que este grupo, no geral, se distingue pela excellencia da technica architectonica.

Pela provincia de Traz-os-Montes, áparte a igreja de Lavandeira, ha varios monumentositos dispersos nos concelhos de Villa Real, Chaves, Vinhaes, Alijó e que se relacionam ou podem relacionar com os do Minho. Um ha, porém, que é exemplar unico talvez e confirma a importação do romanico hespanhol em Portugal: trata-se de Castro de Avellãs, junto a Bragança, construcção em tijolo de que restam a absyde e os absydiolos revestidos externamente de arcadas lisas e cegas, repetindo assim, com fidelidade, Santo Thyrso de Sahagun, na Hespanha.

Proseguindo, feição divergente na compostura das portadas se conspecta em Cedofeita, no Porto, que de longe se considera um inequivoco exemplar do romanico nacionalisado, em Travanca e nos monumentos sitos para sul do Douro, como S. Salvador de Rezende [4], Santa Maria de Cárquere [5], Ermida, S. Martinho de Mouros, Barrô, Almacave, podendo incluir-se Freixo de Numão. Com effeito se ornamentos e motivos decoraes não discordam na essencia, como se viu, dos observados a norte, nas portas

---

[1] O mesmo facto se nota em S. Salvador de Coimbra.

[2] ANDRÉ MICHEL, ob. cit., pag. 649.

[3] CAMILLE ENLART, ob. cit., pags. 461 e 470, attribuindo este pormenor tambem á escola do Sul e Este do Loire. Por sua vez o Languedoc não lhe foi extranho como se vê da obra de LABANDE: *Études d'histoire et d'archéologie. Provence et Languedoc.* Pls. XXIV e XXVI. Paris 1902.

[4] Escapou sómente o portico.

[5] A igreja desappareceu; resta apenas a absyde e um annexo pelos quaes se verifica a ligação adduzida.

d'esses edificios além dos tympanos lisos apparece um novo arranjo, circumscripto a esta zona, o qual consiste na deslocação das molduras toricas dos angulos salientes para os reintrantes das archivoltas e que se filia, conforme se deduz da sua velha torre, na sé de Lamego; mais uma vez são de lamentar os barbarismos que destruíram a sua physionomia, bem como da do Porto, pois ellas dilucidariam incontroversamente o problema das ascendencias do nosso romanico.

O sr. Camille Enlart, no emtanto, esclarece que este arranjo é familiar no Limousin, escola do Sul e Este do Loire [1].

Fóra os exemplos isolados da Beira Baixa, como Trindade, Valezim, S. Pedro, Milleu, não é conhecido ainda outro agrupamento de valor senão o de Coimbra.

As circumstancias historicas que, desde o começo da monarchia, favoreceram a lendaria e romantica cidade converteram-n'a rapidamente n'um centro esplendido e convergente de intellectualidade e cultura que se affirmou, com imponencia e brilho, nos dominios do saber e da arte.

Da viçosa florescencia architectural que então surgiu, por ventura nossa, rasoavel quinhão perdurou e ficou. A Sé Velha é a mais sumptuosa preciosidade sobrevivente. Identificada com S. Sernin de Tolosa e S. Thiago de Compostella não tem, como estas, uma fabrica vasta, mas talvez lhes ganhe em rythmo e harmonia e mais aprimorada seja no adorno esculptural dos seus capiteis. Tanto o architecto como os plastifices que a gestaram, dispunham, indiscutivelmente, de uma proficiencia soberana e de uma technica magistral. bem impressas na sua robusta e solida estabilidade, vasada n'uma inexcedivel elegancia de linhas cheias de equilibrio, audacia e agradaveis contrastes e imprevistos, e no fino cinzelamento dos seus lavores de uma concordancia logica e admiravel para a ossatura architectural, illustrando-a e animando-a de tal forma que a pedra lateja e vibra em vigorosos fremitos de vida sob uma apparente immobilidade hieratica e fria.

---

[1] Camille Enlart, ob. cit., pag. 466.

A Sé Velha representa em Portugal a synthese magnifica, ponderada e possante, do estylo romanico no termo da sua marcha ascencional. A sua influencia, ainda que tardia, devia ter sido intensa e fecunda. Felizmente, após tanta assolação e derrocada, Coimbra o diga! póde constatar-se n'esta cidade em S. Salvador e S. Thiago, em deficientes despojos de outros templos [1], e, em Leiria, na igreja de S. Pedro, circuito das antigas muralhas, sendo possivel que se projectasse até ao curioso exemplo de dissolvencia qne é Athouguia da Baleia, junto a Peniche.

Pertencem aquelles monumentos á região do calcareo, com elle construidos e que por isso solicitou, e de preferencia attrahiu, o engenho dos artistas afleiçoados á plastica. Designadamente os porticos da veneravel e magestosa cathedral e de S. Thiago com exuberancia o comprovam, pois n'elles a fertilidade e a riqueza do *décor* vão ao ponto de simular um illogismo radical e perturbante na funcção das columnas que o supportam, e, todavia, triumpha na graça airosa dos seus effeitos. A caminho do sul, não esquecendo Thomar, divisam-se as sobrevivencias de Santa Maria do Castello em Torres Vedras e em Mafra, que parecem derivações da Sé lisbonense, a igreja do Alporão [2] e a porta de S. Francisco [3], em Santarem, com as qnaes talvez possa ligar-se a porta de S. Pedro em Elvas, e, por ultimo, as cathedraes de Lisboa e Evora [4].

O Alporão, sem embargo das suas portas, das suas cornijas e das suas columnas embebidas no interior da nave, pela galante rosacea aberta na frontaría, pelas abobadas da mesma nave

---

[1] S. João d'Almedina e sobretudo S. Christovão. Esses despojos archivam-se actualmente no esplendido Museu Archeologico do Instituto, que é um modelo de organisação. N'elle se guardam tambem fragmentos da antiga igreja romanica de Santa Cruz. Pena é que sejam tão insufficientes e por tal impossibilitem o confronto com a arte da Sé Velha.

[2] Está convertido no Museu Archeologico já alludido.

[3] A igreja de S. Francisco é francamente ogival. No emtanto pela força da tradição ou influencia do meio a porta é typicamente romanica.

[4] Por informações do nosso mais notavel historiador d'arte, o snr. Joaquim de Vasconcellos, devemos accrescentar que algumas igrejas romanicas se encontram disseminadas nos concelhos ruraes do norte alemtejano.

e absyde cujas nervuras engenhosamente se conjugam com os supportes da bella galeria envolvente e que se abre na espessura da silharia, pertence mais ao estylo ogival que ao romanico. Mas, em virtude do ageitamento accommodaticio e delicado dos dois principios estheticos, a discordancia não choca, diluíndo-se até na integral esbelteza organica.

Osteologicamente a Sé de Lisboa define-se e os seus delineamentos descrevem-se, mas a sua physionomia especial desconhece-se, pois do que ella fosse não se pode inferir apenas pelos definhados escombros do portico. A obra dos terramotos e subsequentes restauros foi cruelmente demolidora. Presente-se comtudo que a edificação malfadada não foi feita d'um jacto e largamente se intrometteu pelo periodo gothico. Á maneira da Sé Velha de Coimbra, com trez naves e sobre as collateraes os triphoriums, as trez abobadas quasi á mesma altura, o transepto, divergindo apenas e contando para mais o deambulatorio.

A cathedral de Evora por sua vez é tambem o producto de uma epocha transitoria em largo avanço. Identica mescla se expressa, devendo frisar-se, porém, que o romanico deixou simplesmente os seus ultimos reflexos n'essa construcção arrogante e alterosa. O hybridismo logo fere no conspecto da frontaría com a janella triumphal em ogiva entre as duas torres imponentes de frestas e arcadas, ogivando uma, de pleno cintro a outra.

No interior, cujo systema dispositivo se afere igualmente pelo formoso modelo conimbricense, os arcos, as arcaturas e a abobada central [1] não são em curva perfeita mas quebram e os pilares, pelo addicionamento de columnelos esguios aos angulos das superficies a que se adossam as columnas, revelam a genese dos polystilos gothicos; os faciaes do transepto abrem-se no alto pelo recorte radioso e gracil das rosaceas.

Estes templos devem considerar-se, pois, como os lampejos finaes do estylo romanico em Portugal depondo assim em confirmação do que inicialmente se assentou quanto á sua trajectoria.

[1] Em cintro quebrado; as lateraes mal se podem determinar com os tapumes e sevicias.

Não obstante, de um resta fallar ainda, propositadamente, pelo seu delineamento singular, reservado para registo especial. Trata-se da antiga igreja dos templarios, denominada hoje a *charolla* do convento de Christo, em Thomar. Com o seu plano polygonal é paradigma unico no paiz e por muitos motivos suggere a igreja de Vera Cruz, em Segovia, tambem da mesma ordem militar, como a igreja plenamente circular de San Marcos que se divisa ao entrar em Salamanca.

Um eminente critico portuguez, a quem o romanico tem merecido o mais attento estudo e o mais desvelado carinho, suppõe que a conhecida charolla se gestou sob a acção dos architectos da mesma escola a que se deve a Sé Velha [1]; o sr. Camille Enlart, porém, com segurança consigna que é uma das raras construcções peninsulares onde se manifesta influencias da escola de Borgonha [2].

É finda a classificação incompleta e provisoriamente organisada. Em melhor e futura opportunidade surgirá a definitiva e integral. Cumpre, todavia, mencionar agora, para que em absoluto não fique incompleto este trabalho, o que remanesce dos annexos da architectura religiosa e por fim o que sobrevive da civil e militar.

Escassos despojos havemos, e, dentro da pureza do estylo romanico, rarissimos são elles.

Com effeito, dos velhos claustros apenas se podem citar o de Santa Maria de Junias (Pitões), pequenino e em ruinas, o da collegiada de Guimarães, talvez umas arcadas de Roriz, uma parte da ala norte do de Leça do Balio e as arcadas de S. João de Almedina expostas no notavel Museu Archeologico do Instituto de Coimbra [3]; do periodo de transição ha o de Santo

---

[1] ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES, *A Arte e a Natureza em Portugal*, n.º 63.

[2] CAMILLE ENLART, ob. cit., pag. 6.

[3] Talvez pertencessem a um claustro as duas arcadas parallelas á igreja que hoje se veem quasi soterradas no pateo de S. Salvador do Souto (Guimarães) e as perpendiculares á fachada sul da igreja de Adaufe (Braga).

Thyrso de Riba d'Ave, da Sé Velha, que maravilhosamente resurge do actual restauro [1], o de Cellas (Coimbra), cujos capiteis dizem, n'uma ingenua plastica cheia de candura e fé, lendarias narrativas do Evangelho e do Agiologio, e o de Evora, encantador, votado a um lamentavel desprezo.

Das torres, que são os restantes accessorios architectonicos de caracter religioso, contam-se a de Travanca, a da Sé de Lamego, a de Santa Maria de Cárquere, transformada na parte superior, a de Freixo de Numão, longe da igreja, no extremo opposto da cintura das muralhas do castello, que é o ponto culminante do accidente, para nada impedir o alastramento do som atravez das ondas de montanhas que tumultuam até á linha indecisa do horisonte, e, finalmente, as das cathedraes de Lisboa e Evora enquadrando as respectivas frontarías [2]. São todas cubicas assim como as de Salamanca, Zamora, Leão, Compostella, etc.

A architectura civil, ai de nós! representa-se exclusivamente pelo vetusto Paço Municipal da cidadella de Bragança, cheio de disformes adulterações e entregue a um desmazelo imperdoavel [3]. No seu perimetro pentagonal, porém, as sevicias deixam ver ainda as antigas fenestras chanfradas e lisas, de cintro pleno, e os modilhões esculpidos — as mudas testemunhas que tantas vezes assistiram aos conciliabulos dos historicos homens bons do concelho. Sob o pavimento fica a cisterna, coberta com abobada de berço, reforçada por arcos duplos, e que seria d'um alcance incalculavel na hora tragica do assedio do reducto.

Relativamente á architectura militar subsistem apenas destroços das valentes sentinellas defensivas que, nos inicios da primeira dynastia, com tão interessada energia e anciosa solicitude se levantaram precavidamente para proteger o lar, o burgo e a

---

[1] Feito sob a direcção de ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES, o insigne restaurador da Sé Velha.

[2] Esta mesma disposição tinham inevitavelemnte as Sés de Braga e Porto, por certo a de Lamego, e as igrejas de Tibães, Pombeiro, Rendufe, Santa Maria de Bouro (Amares) e Adaufe (Braga).

[3] MANUEL MONTEIRO, *Uma reliquia architectonica*, in *Illustração Portugueza*, 2.ª série, n.º 11, pags. 338-9. Lisboa, 1906.

patria [1]. Mas tendo evoluído a arte da guerra foram-nas modificando ou aluindo e, hoje, esquecido o seu valor e destino, cahiram todas no ingrato abandono dos homens a cujos avós tanto haviam servido; d'aqui o seu aspecto de amarga e recolhida tristeza no melancholico desengano da velhice. Umas, caducas, esphaceladas em ruinas; outras opprimidas por ulteriores e anachronicos accrescentamentos ou enfeites. Os despojos d'essas armaduras de cantaría, corroídos e enferrujados pela patine dos seculos, podem admirar-se nos castellos de Melgaço, Guimarães, Lavandeira, Freixo de Numão, Thomar...

---

[1] Manuel Monteiro, *Castellos do Norte de Portugal*, in *Serões*, 2.ª serie, tomo I, n.º 10, pags. 273-281. Lisboa, 1906.

II

A igreja de S. Pedro de Rates

A igreja de S. Pedro de Rates surge d'uma vaga alvorada de tradição e lenda.

Segundo estas, S. Thiago viera, na sua missão apostolica, até este recanto da peninsula iberica, levantara em Braga um templo dedicado á Virgem nomeando pastor da nova diocese a Pedro, ao qual, por mercê divina, resuscitou, pois centenas de annos havia que era morto; o novo prelado proseguiu com ardor a tarefa christianisante do excelso padroeiro da Hespanha e, por tanto zelo e empenho, padeceu o martyrio em Rates onde se havia refugiado: n'uma occasião em que celebrava missa a sua virtuosa cabeça, aos golpes do ferro inimigo, cahiu e rolou! Como a perseguição aos adeptos do novo credo arrebatadamente os afugentasse, longo tempo ficou insepulto o corpo do martyr que fôra victima da religião que tanto servira e amara. Mas um solitario eremita, de nome Felix, que vivia n'um monte proximo, por avisos celestes acudira ao local, e, com seu sobrinho, tambem anachoreta, deu sepultura ao cadaver decomposto e mutilado do santo bispo. Entretanto a vesania perseguidora acalmou, o povo foi acudindo timidamente, alguns milagres se operaram e a veneração fixou-se. Mais tarde o conde D. Henrique e sua esposa D. Thereza construíram o templo actual doado com o respectivo mosteiro aos monges da ordem de Cluny. D. Balthazar Limpo,

finalmente, trasladara para a Sé de Braga as reliquias de S. Pedro no dia 17 de outubro de 1552 [1].

Não obstante a narrativa tradicional e lendaria duvida-se e considera-se como uma piedosa fraude a existencia de S. Pedro de Rates [2], o qual só principiou a ser venerado pela Igreja bracharense, e a ser inscripto no seu *Breviario*, depois

---

[1] D. Rodrigo da Cunha, *Historia ecclesiastica dos arcebispos de Braga*, 1.ª parte, pag. 67 e segs. Braga, Anno de 1634. — *Breviarium bracharense*, pag. 644. Bracharae Augustae M.D.CCXXIV. — P.e João Croiset, *Anno Christão*, tom. II, pags. 202-203. — P.e Antonio Carvalho da Costa, *Corografia portugueza*, tom. I, pags. 296-8. Braga, 2.ª ed., 1868. — Nas tres primeiras obras citadas allude-se á resurreição de S. Pedro, que o *Breviario* de D. Diogo de Sousa e a 1.ª edição de 1567 do agiologio do P.e Rosario omittem por completo. Este prodigio acha-se graciosamente pintado no azulejo da capella que tem a invocação do santo, na Sé primaz; a execução é do grande azulejista Antonio de Oliveira Bernardes.

[2] Bernardino José de Senna Freitas, *Memorias de Braga*, pag. 169 e segs., tom. I. Braga, 1890.

Na *Benedictina Lusitana* o P. M. Frey Leão de S. Thomaz referindo-se, a proposito de Rates, ás memorias do P. Frey João do Apocalypse, dá este esclarecimento curioso: «Naquelle livro das Visitações do Ordinario que acima alleguei tratando do Mosteyro de Hermello achei que visitando o Visitador Gonçalo Anez aquelle Mosteyro de S. Pedro de Rates na Era de 1551 deixou hũa verba na Visitação em que mãdava a Jorge da Povoa, Cura do Mosteyro, o seguinte: Outro si por quanto achamos que tinheis na sãcristia do Mosteyro hũa Velha, que daveis a beijar ao povo, em que tendes muyta fiuza por dizerdes, que tinha em si muytas reliquias, e a de S. Pedro, e fazia muytos milagres e recebieis d'isto muytas offerendas: nos pera enformaremos o Reverendo Arcebispo a abrimos, e dentro della achamos outra de ferro pregada sem fechadura, e abrindo-a achamos nella hũs panos de lenço comidos da traça, sem outra cousa mais que hũs pós que parecião de terra, ou de reliquias que aly estivessem, de que não constava mais qué serem aly metidas no anno de 676 de Christo, conforme a hũ escrito, que tinha a Velha aberta em si, que dizia que Pedro Abbade de S. Bento a fizera; Mãdamos que o primeiro Domingo declaredes na estação ao povo, que aly não avia reliquias algũas, e por isso vos mandamos que com pena de excomunhão enterreis a dita Velha para que ninguem tenha para si, que aly estão reliquias de sanctos e as adore em vão.» Ob. cit., pags. 122-123, tom. I, trat. II, parte II. Coimbra, 1644. Na Officina de Diogo Gomes de Loureiro. Typographia da Universidade.

Fig. 1 — A igreja matriz de S. Pedro de Rates (Povoa de Varzim)

de 1512, por mandado de D. Diogo de Sousa, o grandioso arcebispo [1].

Mas, como quer que seja, essa nebulosa e discutida entidade acha-se consagrada pelo monumento que não é, positivamente, obra dos paes de D. Affonso Henriques, pois os seus caracteres, bem significativos, o attribuem aos seculos XII-XIII [2].

De proporções mais que modestas, é um dos mais apreciaveis exemplares do nosso romanico, ainda que seja desprovido de rythmo architectonico, ostente mesmo disparidade e asymetria organicas, discordancia de factura e o material constructivo não prime pela escolha com os subsequentes defeitos no apparelho e assentamento. Embora construido todo com granito inferior e grés ferrugi-noso por irremovivel imposição do factor economico, obrigando ao aproveitamento dos recursos locaes e circumjacentes, é inquestionavel que os seus edificadores pretenderam fazer obra apparatosa.

O plano primitivo, no emtanto, houve de pôr-se de parte por impeditivos supervenientes, mas desconhecidos, que frustraram a sua plena realisação.

Pela traça, pelo arranjo e exhibição dos elementos componentes e até pelos themas ornamentarios e decorativos tem intimas affinidades com a Sé de Braga. Não é de fabrica avantajada e correcta como esta, mas obedece fielmente ao mesmo programma no que tem de subordinado á concepção inicial.

Em Rates, como n'aquella, além do transepto e capellas absydaes, por identica fórma se dispõem as tres naves sem abobada [3] e se empregam os arcos duplos [4], de cintro quebrado, ogivando quasi, erguidos sobre as columnas meio embebidas nos pilares divisorios [5].

---

[1] B. J. Senna Freitas, ob. cit., pag. 163.

[2] Nos *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, vol. I, pags. 114 e 234 se encontram allusões á igreja de Rates.

[3] Exceptua-se o ultimo tramo superior da nave da Epistola, coberto de artesoado.

[4] Vão todos indicados na planta da igreja, inserta no final d'este trabalho, salvo o ultimo da absyde e o do remate da nave do Evangelho que por lapso foram omittidos.

[5] Os da Sé de Braga não são de secção quadrangular, mas cruciforme.

Portanto offerece, no fundo, o mesmo schema, e á identidade estructural se não exime a expressiva semelhança de perfis e *décor,* como se viu e, ao deante, ficará novamente estabelecido.

Não se acha exempto de adulterações o curioso templo romanico: as principaes recahiram sobre a absyde, cujo hemycicio desappareceu, sobre a fachada meridional, onde se rasgou a parede para fazer o enxerto d'um altar[1], e sobre o frontispicio, onde se praticaram os empastamentos de pesados gigantes para o contrafortar e se abriu uma disforme janella em rectangulo, desapparecendo tambem uma das frestas correspondentes ao eixo das naves lateraes (figura 1); o portico, porém, se escapou ás sevicias dos homens soffreu as do tempo, achando-se muito delidos os seus lavores pela exposição demasiadamente aberta ás visinhas influencias oceanicas.

Fig. 2 — Porta septentrional

Outras de menos tomo se elaboraram: encerrando o absydiolo do Evangelho n'um annexo da sachristia; opprimindo illogicamente, com uma torre, o braço norte do transepto; rasgando um janellão no facial opposto d'este; destruindo o tympano da porta

[1] Veja-se a planta.

septentrional (fig. 2): obstruindo inteiramente a do sul com alvenaria sem comtudo a prejudicar: abafando e occultando, ao principio da nave meã, os dois unicos arcos historiados e lavrados do interior com um nefando tabuado horizontal a que se dá o nome de coro (fig. 3), e, por ultimo, eliminando as frestas dos *bas-cotés*, sendo uma substituida, a sul, por uma grande janella rectangular.

As linhas da frontaría logo indicam o systema architectonico: clerestory emergindo das baixas naves adjacentes que n'elle entroncam. É o corte basilical com as prumadas e as obliquidades das empenas que partem das cornijas assentes em modilhões, alguns dos quaes historiados.

Fig. 3—Um dos dois arcos historiados do interior

O plano da basilica romana, com effeito, havia ficado como indiscutivelmente acceite e em nenhuns outros edificios se perpetuou com tanta pureza como n'aquelles em que se não realisara, por completo, o problema das abobadas. Rates está n'estas condições.

Penetrando no templo, de repente se averigua na verdade o predominio da nave central sobre as collateraes, todas com revestimento interno de madeira e rematando no transepto, onde lhes correspondem a absyde e absydiolos, com as abobadas em pleno cintro no primeiro tramo e em quarto de esphera no hemicyclo, salvo n'aquella por ter sido arrasado. O interior é

Fig. 4 — Porta principal

illuminado pelas altas frestas, tres por banda, pela fenestra da testeira norte do transepto e pelas demais aberturas alludidas.

A desharmonia architectural fere, á primeira vista, o espectador mais desprecavido e indifferente.

Effectivamente, os arcos longitudinaes são todos quebrados á excepção dos dois esculpidos e do immediato, mais largo, junto á entrada principal e á esquerda, que teem a curva perfeita [1] (fig. 3); aos pilares divisorios da direita, nas faces que dão para a nave central, estão adossadas meias cannas com seus capiteis, erguidas quasi á altura das frestas [2] e que se destinavam, sem duvida alguma, a receber os grandes arcos das proporções dos triumphaes do cruseiro [3]; algumas bases de columnas são ornamentadas; o ultimo tramo superior da nave da epistola ostenta um artesoado gothico, rudimentar, cujas nervuras arrancam de sobre os capiteis romanicos, e, finalmente, sobre a entrada da absyde, no alto, desenha-se o rosetão marcando a phase transitoria.

D'aqui resulta que o monumento se não ergueu de um jacto e foi talvez diversa a inspiração dirigente, manifestando assim o indeciso e titubeante compromisso entre as fórmulas do canon romanico e as do gothico nascente. A decoração e ornamentação, não obstante esta mescla e *gaucherie*, confessam a ascendencia romanica, presumivelmente insuflada pela cathedral bracharense, tantas são as ligações e similitudes com o que n'esta sobrevive do primitivo estylo. Cumpre advertir n'este lance a surprehendente analogia de varios capiteis dos arcos longitudinaes, dos do transepto, absyde e absydiolos com certos das naves e triphorium de S. Sernin de Tolosa, do claustro de S. Pedro de Moissac e das naves e deambulatorio de S. Thiago de Compostella, cuja influencia se podia ter produzido indirectamente

---

[1] Dos do lado da epistola são tambem os dois primeiros mais estreitos que os dois restantes. Verifica-se isto e o mais na respectiva planta.

[2] É um facto comprovativo a mais da desistencia do traçado primitivo, porquanto a terem-se feito os arcos ficariam obstruidas as frestas. Lembra a anomalia da nave meridional de Santo Isidoro de Leão em que uma janella é interceptada por uma das columnas que sustentam os arcos de reforço da abobada.

[3] Como succede na Sé de Braga.

pela igreja primaz ou directamente pelos monges benedictinos. Este facto é sobremaneira interessante e valioso para a comprovação do enunciado problema das origens.

Reatando, a plastica, porém, é grosseira e hirta, embora abundante e em valores e gradações diversamente expressa, confirmando o preceito geral de que a imaginaria propriamente dita foi a derradeira e mais escabrosa conquista dos artistas

Fig. 5 — Tympano interior da porta principal

medievos. Com effeito vae uma distancia muito sensivel da energia, malleabilidade e relativa correcção dos assumptos phantasiosos á rigidez, bisonharia, ausencia de modulo e quasi de sentimento de fórma da figura humana que povoa as portas, o tympano principal, os arcos historiados e os capiteis da igreja de Rates.

É claro que o mero conspecto superficial e de conjuncto é gracioso pela ingenuidade, pelo balbuciamento infantil d'essa esculptura que aspira e tem ancia de pronunciar e dizer perceptivelmente o pensar e o sentir do artista.

Nas archivoltas da porta principal os apostolos munidos das proprias legendas e baculos, como primeiros pastores do rebanho christão, e os anjos? empunhando a cruz e os thuribulos, no preito perpetuo, festivo e adoravel, das homenagens e graças á personagem augusta e venerada da grande composição do fundo,

são lançados com certo movimento e geito, e revelam uma tentativa de esboços anatomicos; as imagens das duas faces do tympano, porém, são o que ha de mais frio, parado, inexpressivo, sem um gesto, uma articulação, e apenas os pés e as cabeças avultando na base e ao alto das vestes, cujo contorno é fixo em linhas parallelas, e que cahem sem uma prega, uma ruga, um arrepio a dar o indicio do tecido flexivel (figs. 4 e 5).

Fig. 6 — Aduela historiada de um arco interior

Pelo inequivoco logar de honra e pela consagrada ellipse envolvente só póde affirmar-se que a figura central representa o Salvador; quanto ás adjacentes apenas os nimbos indicam vagamente a santidade, achando-se desprovidas, no resto, de qualquer signal, emblema ou distinctivo que lhes differencie o sexo ou a qualidade. Identicamente succede nas da face posterior que ladeiam o cordeiro paschal.

Em ambas as composições, muito damnificadas e gastas, cherubins assistem, candida e recatadamente, no alto (figs. 4 e 5).

Os apostolos e anjos insculpidos nas aduelas do primeiro arco divisorio do interior, á esquerda (fig. 6), são tambem de uma execução barbara e tosca e comparavel á do arco immediato (figs. 3 e 7), o que parece dever attribuir-se ao mesmo cinzel.

Fig. 7 Aduela historiada de outro arco interior

Todavia não deixa de ser muito agradavel e até impressiva a ordenança e a gravidade da porta principal com a sua illustração hybrida e extranha de bemaventurados e animaes inferiores, symbolicos uns, chimericos outros: a archivolta do fundo rompe dos dorsos de dois quadrupedes, o leão e o boi já deformados, em attitudes esphyngicas, olhando, talvez interrogando os fieis que entram no templo, onde se professa a religião contida nos evangelhos, os livros sagrados, seguros contra os seus peitos; na face inferior do tympano, e a todo o comprimento, ha duas serpentes entre-

laçadas, cada uma em sentido inverso da outra, que reciprocamente se devoram pelas caudas [1].

Considerando este portico nas suas relações com a Sé primaz collige-se que existe uma rigorosa identidade na ornamentação sobre que avultam os discipulos de Christo e os seres celestiaes: nas duas archivoltas seguintes, boleadas com toros sahidos das fauces de monstros; nos entrelaços dos abacos da esquerda, reproduzidos em outros no interior e no cordão ou friso que orla inferiormente o transepto; na decoração superior dos silhares que aguentam o tympano e consiste em duas aves bebendo no mesmo calice, e na dos capiteis immediatos com as aves carnivoras devorando um animal, o que se repete em quatro outros do interior (figs. 8 e 9) e nos da porta meridional. Ligeiramente modificado tal motivo, substituindo as aves por quadrupedes (como tambem se encontra em Braga), observa-se não só em mais um capitel do primeiro arco da nave lateral do Evangelho, mas ainda nas aduelas do segundo arco (fig. 7). Analogo thema foi tratado com rudeza n'um capitel da nave opposta (fig. 10).

Fig. 8 — Capitel do interior

Fig. 9 — Capitel do interior

Os similes findam com a galba do primeiro capitel do portico, á direita, que é guarnecido de folhas de acantho e com a sereia que do mesmo lado se divisa no terceiro capitel (fig. 11).

---

[1] Não será erro attribuir-se-lhe uma significação symbolica.

Os restantes assumptos que não teem parallelos na alludida cathedral são apenas, além dos eleitos do ceu, os dois emblemas dos evangelistas e a serpente mordendo o pomo com o extremo da cauda poisada n'uma cabeça humana (fig. 12).

Na face interna do tympano exhibe-se o cordeiro paschal aureolado e com a mão direita erguida, n'um illogico desvio, sopesando a cruz entre dois vultos, presumivelmente Maria e o discipulo amado, sob a presença discreta de dois cherubins (fig. 5). Aquelle symbolo do Salvador[1] occupa tambem o tympano da porta meridional e depara-se-nos em Rio Mau, Cedofeita, Font'Arcada, Travanca, sendo frequente em Hespanha, como em Monterrey (Orense), Compostella, Leão, etc., e em França[2].

Fig. 10 — Capitel do interior

Esta porta aberta ao sul no facial do transepto, mas irregularmente fóra do seu eixo, é em curva perfeita e d'um arranjo sobrio, todavia, precioso e elegante, na sua decoração, na dupla tarja ornamental e na moldura polylobada — ornato este, raro entre nós, divisavel n'uma janella de Lavandeira, na porta de S. Francisco em Santarem... Encontra-se no norte de Hespanha, como em Ribadavia, nas cathedraes de Compostella e Orense, em Cambre, Santo Isidoro de Leão, igreja da Magdalena em Zamora, etc.

É, por assim dizer, um complemento da principal na sua expressão symbolica. Com effeito, sobre as impostas iguaes ás d'esta, junto ao arranque dos encurvamentos, vêem-se os dois outros symbolos dos evangelistas: o da esquerda[3] ostenta o

[1] Abbé Auber, *Histoire et theorie du symbolisme religieux*, toms. I-IV, passim.

[2] André Michel, ob. cit., figs. 329, 362, 363, etc.

[3] A mutilação não permitte averiguar bem o que seja. Suppõe-se porém que represente a aguia, o emblema de S. João.

livro divino entre as garras; o da direita, porventura o genio inspirador de S. Matheus, ampara com uma das mãos o evangelho e com a outra indica o templo.

Fig. 11 — Capitel do portico principal

Os capiteis são a repetição de outros do portico e do interior bem como do segundo arco divisorio (fig. 13); as columnas, facetadas umas e cylindricas outras, e as bases dos silhares esculpidas sem que se distingam os themas pelo empastamento da alvenaria com que encheram e barraram toda a abertura [1].

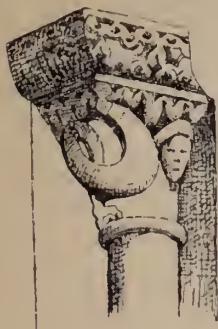
Outra porta de cintro pleno, ligeiramente realçado, se rasga ainda na fachada norte, muito discreta, muito pequena e muito singela (fig. 2). O tympano antigo sumiu-se [2]. A archivolta, que o emmoldurava e persiste, compõe-se de duas zonas tendo na primeira as pontas de diamante e na segunda as mesmas recortadas em cruz, o que se repete externamente a embellezar o toro.

Fig. 12 — Capitel do portico principal

Os capiteis são de uma ornamentação rudimentar, e nos cachorros que supportam o pseudo tympano enrolam-se as volutas jonicas. Pelos seus caracteres offerece uma nota de singular destaque no edificio.

N'esta mesma fachada, na testeira do transepto, existe uma janella (fig. 14) cuja abertura se sublinha por dois columnelos com seus capiteisitos e remata em arco de meio ponto adornado com os dentes de serra, como a congenere de Lavandeira, observando-se ainda este motivo em Rio Mau, na matriz de Valença, nas arcaturas de S. Salvador do Souto e na torre de Travanca.

Os dois absydiolos estão intactos, salvo o do norte em que

---

[1] É junto d'esta porta, á direita, que se exhibe a inscripção atraz mencionada.

[2] Como a estampa demonstra, perfurou-se para dar mais luz á nave respectiva.

se eliminaram os modilhões e cornija guarnecida de *damiers*. Não teem abertura alguma e, ao contrario do que succede em S. Fins de Friestas, Longos Valles, Font'Arcada, Pombeiro, Roriz, Ferreira, Paço de Sousa, Travanca, Sé Velha, Compostella, Santo Isidoro de Leão, etc., não são contrafortadas por

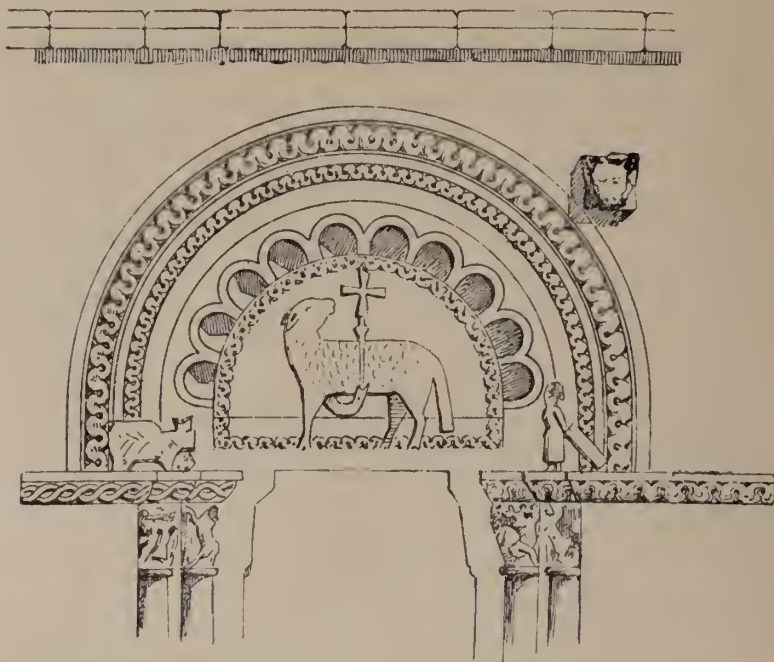



Fig. 13 — Porta meridional

meias columnas mas por lisos e simples gigantes [1], de secção rectangular, em absoluto analogos aos que reforçam e consolidam a construcção ao longo das fachadas lateraes. Estas, superiormente, são cobertas pelo resalto das cornijas ornamentadas com bolas no chanfro, as quaes repousam suavemente sobre os modilhões singelos.

O interior é desigual e indiscretamente illuminado. A cla-

[1] Em Cette e approximadamente em Ganfey se encontra o mesmo arranjo.

ridade irregular e abundante priva-o do recolhimento austero que sobremaneira quadra e caracterisa os edificios romanicos onde a luz penetra, uniforme e conjugadamente, sem violencias, provocando um ambiente aquietante para as timidas confidencias da alma.

Sobre este defeito, proveniente das barbaridades commettidas no decurso dos seculos, avoluma-se a desharmonia architectonica. Apenas o lavor dos capiteis e de outros detalhes architecturaes permanece illeso, sem o menor aggravo, na duradoura consistencia do granito.

Fig. 14 — Janella do transepto

D'aquelles, já referidos, em parte, a proposito da connexão de Rates com a Sé de Braga, um falta apontar ainda que converge a comprovar a mesma dependencia: é o do capitel da alta columna da nave central, erguida entre o segundo e terceiro arcos longitudinaes, cujo thema historiado consiste em dois homens tocando trompa, o que por igual se vê no primeiro modilhão da fachada sul da alludida cathedral e se póde observar ainda n'um capitel da antiga igreja de Amorim, agora exposto no Museu Municipal do Porto [1].

[1] André Michel, ob. cit., pags. 623, 654 e fig. 343, etc., accusa o mesmo motivo em differentes monumentos francezes da escola de Languedoc.

Os restantes indicam vivas analogias com certos dos templos gallegos e francezes já citados, tendo alguns uma justa similitude com outros do interior de S. Sernin de Tolosa, como: o do segundo arco do lado da epistola, com focinhos de animaes irrompendo de entre a folhagem ornamental sob as volutas, o do ultimo arco, junto ao transepto, com duas aves de azas abertas, etc.

Mas ainda em Rates se divisa a ornamentação em xadrez—*damiers*—nos cordões ou frisos da absyde e absydiolos (fig. 15) e em algumas impostas (fig. 3), como em S. Thiago de Compostella e na igreja franceza precedentemente referida.

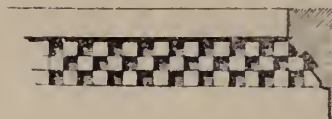



Fig. 15 — Friso ornamentado da absyde e absydiolos

A quebrar a monotonia das superficies do transepto relevam-se, no proseguimento horizontal das impostas dos arcos triumphaes, as faxas ornamentadas com *billettes* (como em Santo Isidoro de Leão) e entrelaços, evidentes na Sé de Braga, e com minusculas arcaturas.

Por ultimo resta alludir ás arcadas falsas, geminadas, que se profundam na espessura das paredes da absyde, ostentando os columnelos geminantes e extremos, capiteisitos de uma leve e simples ornamentação vegetal; este arranjo é vulgar e repete-se na visinha igreja de Rio Mau, em Font'Arcada, Pombeiro, Roriz, Ferreira, Cette, Paço de Sousa, Sé Velha, etc.

Sob o artesoado da nave lateral e adjacentemente ao altar que elle abriga erguem-se dois icones: um prelado e uma figura coroada. Feitos em granito mau, desaggregavel, erosivo, foram esculpidos por um rude cinzel.

A esculptura prelaticia, de mitra e baculo na sinistra, lança com a dextra as suas bençãos. Este gesto é rigido, a sua face é inexpressiva, as suas vestes mal se esboçam e talham no monolitho.

Ao guerreiro cinge-lhe a fronte uma coroa; empunha o gladio e a mão esquerda, livre, repousa-lhe no peito.

A rudeza da outra esculptura tanto ou mais se accentua n'esta.

Personagens determinados? Talvez. Mas, desconhecendo-os, interessam-nos como as immutaveis personificações das duas forças sociaes que, na alta Idade-Media, irmanadas, fizeram brotar do solo patrio, conquistado e christianisado, a veneravel Architectura romanica.

Aos Ex.mos srs. Arthur Cruz, distincto architecto municipal da Povoa de Varzim, e José Calheiros, apreciado photographo amador, publicamente renovamos os protestos do nosso reconhecimento pela sua amabilissima collaboração artistica.

PLANTA

INDICE

A) — DO TEXTO

B) — DA ILLUSTRAÇÃO

Esta monographia, illustrada com desenhos de Arthur Cruz e photocópias de José Calheiros, — sendo as zincographias e simili-gravuras de Christiano & Nunes, do Porto — acabou de imprimir-se, nos prelos da Imprensa Portugueza, aos 15 de maio de 1908.